



Tesouros de família

Naquele fim de tarde, a casa parecia suspensa no tempo. Lá fora, a geada cobria os ramos despidos e o vento arrastava folhas secas pelas ruas silenciosas. Mas, no interior, a cozinha fervilhava de vida: o cheiro do pão acabado de cozer misturava-se ao aroma doce da canela e da casca de laranja que pairava no ar, libertando lentamente a promessa de uma ceia de Natal aconchegante.

A mesa estava já preparada na sala, coberta com uma toalha branca bordada há muitos anos pela avó, agora guardada como tesouro de família. Sobre ela, dispunham-se ramos de azevinho, pinhas apanhadas no bosque e maçãs brilhantes, misturadas com romãs e uvas que davam ao conjunto a cor de uma festa antiga. Ao centro, três velas altas ardiam, lançando uma luz trémula que dançava nos rostos reunidos.

Os quatro sentaram-se à mesa, cada gesto imbuído de ternura. Miguel, o mais novo, mal conseguia disfarçar a excitação: falava da escola, dos trabalhos de grupo e das travessuras dos colegas, exagerando os pormenores para fazer rir.

Clara falava mais baixo, mas os olhos iluminavam-se-lhe sempre que mencionava os livros que lera recentemente. Para ela, cada leitura era uma viagem, e agora partilhava com a família, como se fossem pequenas sementes, trechos e frases soltas que lhe tinham ficado na memória.



— Nestas férias — disse — reli o *Cântico de Natal*, de Charles Dickens. Nunca me canso daquela história. O Scrooge começa como um homem avarento, fechado em si mesmo, e depois descobre que a vida só tem sentido quando é partilhada com os outros.

Miguel mostrou-se interessado:

— Aquele carrancudo que não se dava com ninguém? Depois mudou muito, não foi?

Clara sorriu.

— Sim, porque lhe mostraram as memórias do passado, o que andava a fazer no presente, e o futuro que o esperava se continuasse assim egoísta. E percebeu que ainda lhe era dado tempo para se modificar.

O pai, Luís, comentou, pensativo:

— Dickens sabia bem o que escrevia. No fundo, todos precisamos de ser lembrados do que realmente importa, antes que seja tarde.

A mãe, Helena, que escutara atenta, acrescentou, enquanto distribuía o pão ainda morno:

— Talvez não precisemos de fantasmas para nos advertirem. Basta estarmos atentos. Aos pequenos gestos, ao tempo que oferecemos uns aos outros. É isso que faz a diferença.

— Então, quer dizer que nós já estamos a fazer melhor do que o Scrooge, não é? Porque estamos juntos. — comentou Miguel com naturalidade.

— Tens razão — respondeu o pai. — Mas convém não esquecermos. O Scrooge também já foi criança como tu. O perigo é deixarmos que o tempo nos roube o afeto.

Seguiu-se um breve silêncio. Não era pesado, mas cheio de significado. Apenas o estalar da lareira se fazia ouvir, como se a própria casa quisesse absorver aquelas palavras. Clara, nesse instante, sentiu que a leitura havia cumprido o seu propósito: não ficara presa nas páginas do livro, mas tinha-se transformado num diálogo entre todos, ali naquela mesa iluminada pelas velas, onde o Natal se tornava presença viva e partilhada.

O jantar prolongou-se sem pressa. Havia peru, bolo-rei, rabanadas, maçãs assadas com mel e canela. Cada prato parecia ter sido feito não só para ser saboreado, mas para celebrar a memória.

O pai lembrava os Natais da sua infância: falava de noites reunidas à volta do lume, da correria dos primos pela aldeia, do cheiro do fumeiro pendurado na cozinha, e do toque para a missa do galo, que ecoava no silêncio.

Enquanto o pai falava, Clara ouvia com uma atenção sonhadora. Aqueles relatos, simples e pitorescos, davam-lhe a sensação de que cada Natal era um fio numa tapeçaria maior, que ligava gerações através de pequenos gestos: acender uma vela não era só iluminar a mesa — era prolongar a claridade que, antes, guiara os avós nas noites mais escuras. A ceia conjunta lembrava-lhe que a abundância só ganhava sentido quando dividida. Ia recordando também as velhas canções de Natal, a evocarem-lhe vozes que já não estavam presentes, mas que continuavam a viver no ritmo das melodias.

Percebia, assim, que cada gesto aparentemente banal era, na verdade, uma herança silenciosa. Uma herança que não se guardava em cofres, mas na repetição humilde desses gestos. E, quanto mais ouvia, mais Clara sentia que ela própria estava a ser tecida dentro dessa tapeçaria invisível, como se a sua vida fosse um prolongamento de algo que vinha de longe.

Não se falava de prendas, nem de listas de desejos. O que enchia a sala era a presença — o tempo partilhado, o calor humano, a certeza de que, naquele instante, não havia nada de mais importante.

Quando a noite avançou e a casa ficou mergulhada em silêncio, a mãe sugeriu que

deixassem as velas acesas mais algum tempo. Queria ver como a luz se transformava quando tudo o resto adormecia — como se as velas guardassem um segredo que só se revelava na quietude da noite.

Para ela, havia algo de misterioso nesse instante em que o mundo parecia suspenso, a escuridão se tornava mais densa, e em que, ainda assim, a chama continuava a arder, ténue mas firme. Talvez fosse isso que desejava observar: a persistência da claridade, mesmo quando tudo à volta parecia desaparecer.

Deixaram-se ficar à mesa, em silêncio, cada um mergulhado nos seus pensamentos, enquanto as chamas pareciam conversar com as sombras nas paredes.

Foi nesse instante, com o lume da lareira a estalar e o vento lá fora a soprar como um cântico distante, que compreenderam que o Natal não estava apenas no calendário e nas festividades, mas no gesto de saber ouvir, cuidar, dar atenção ao outro.

E também no simples ato de deixar que a memória se inscrevesse em cenas como aquela, para que, talvez um dia, elas pudessem ser recordadas com a mesma ternura.



Tesouros de família

1. O início do texto estabelece um contraste entre o mundo exterior e a atmosfera da casa. Como?
2. A toalha bordada pela avó representa mais do que um simples adorno natalício. Porquê?
3. “Os quatro sentaram-se à mesa, cada gesto imbuído de ternura.” O que revela esta frase sobre a família?
4. A propósito da quadra, Clara decidiu reler o livro *Cântico de Natal*, de Charles Dickens. Transcreve os excertos que revelam as suas motivações.
5. “O perigo é deixarmos que o tempo nos roube o afeto”. O que significa esta frase do pai?
6. O texto mostra que o verdadeiro espírito de Natal não depende de presentes. Que valores substituem, aqui, o consumo e a ostentação?
7. O pai partilha memórias de infância, e Clara sente que “cada Natal era um fio numa tapeçaria maior”. O que simboliza esta metáfora?
8. “[C]ada gesto aparentemente banal era, na verdade, uma herança silenciosa.” Como interpretas esta afirmação?
9. Consideras que o foco do texto é exclusivamente o Natal? Fundamenta a tua resposta com passagens que sustentem a tua perceção.